Ata da 20ª Reunião

Dia 10 de out. de 2026 – Sábado – 10h / 12h30

Vigésimo encontro do grupo de pesquisa Literatura, Ecologia e Decolonialidade na América Latina (GP-LEDAL), realizado em ambiente virtual no sábado, 10 de outubro de 2026, sob coordenação do Prof. Guilherme José Purvin de Figueiredo. Foi o primeiro encontro dedicado a *O cavaleiro insone*, terceiro volume da pentalogia *A guerra silenciosa*, de Manuel Scorza.

Participantes: Guilherme José Purvin de Figueiredo (coordenação), Ana Cristina Deverlan, Ana Cristina Ribeiro Bonchristiano, Audrey Ramos Quast, Diná Santana Santos, Ivana Borges da Silva, Jorge Luis Bonamente, Karla Christina Claudino, Luana Mara Batista Sousa, Marcos Alcyr Brito de Oliveira, Marina Yukawa, Moroni de Almeida Vidal, Paulina Souza Almeida, Sarah Antunes Santiago Coelho, Veronica Diana Cardozo e Zenaide Tamires Costa Santana. Giselle Scavasin justificou a ausência, por motivo familiar. Vanessa Maei Teixeira pediu para ingressar no grupo quando a reunião já estava em curso, motivo pelo qual ainda não pode ser considerada integrante.

Pauta: informes sobre o IBAP, o concurso de contos, a Revista PUB e a orientação no PROLAM-USP; relatos e debates dos capítulos 1 a 9 de *O cavaleiro insone*; distribuição dos próximos capítulos.

Seguindo a nova dinâmica, os capítulos foram relatados em blocos de três, com os novos membros como relatores e os mais antigos como comentaristas.

Informes

Atas. O coordenador explicou aos novos membros que grava os encontros, transcreve-os e redige um relatório de cada reunião; as atas dos dois encontros anteriores ainda serão enviadas.

IBAP. O simpósio de dezembro está sendo organizado por meio do Instituto Brasileiro de Advocacia Pública (IBAP), organização de direitos humanos com mais de trinta anos, da qual fazem parte o coordenador, Marina Yukawa, Marcos Alcyr e Ana Cristina Bonchristiano. Nos últimos dez ou onze anos, o instituto passou a atuar fortemente na literatura e na ecocrítica, com eventos, concursos de contos e a Revista PUB, que funciona também como blog de publicação quase diária; Marina é sua jornalista responsável. O coordenador preside o IBAP por dois anos, desde 11 de agosto, e convidou os membros a se associarem: um grupo maior de pessoas dedicadas à literatura facilita a aprovação de projetos. O nome, herdado da origem entre advogados públicos, não deve afastar ninguém; todo o trabalho é voluntário e sem recursos externos.

Concurso de contos. Estão abertas neste mês as inscrições do concurso de contos do IBAP, sobre temas de direitos humanos, com taxa simbólica para desestimular envios sem critério. Marina, vencedora de duas edições anteriores, compartilhou o link no chat.

Orientação no PROLAM. O coordenador, que ministra aulas no PROLAM desde 2024 como pesquisador de pós-doutorado no Departamento de Geografia, foi credenciado como orientador e pretende formar um grupo de orientandos comprometidos com a temática. Karla, que concluiu o mestrado em janeiro e é aluna especial de doutorado, poderá ser orientada por ele caso se abra vaga. Para este ano, o prazo da prova de idiomas já passou; a sugestão é que os interessados se inscrevam em 2027 como alunos especiais, condição que tem as mesmas exigências dos alunos regulares e cujos créditos poderão ser aproveitados conforme as regras do programa.

Nova disciplina. O coordenador estuda oferecer, no primeiro semestre de 2027, uma disciplina sobre direito ambiental na América Latina, aproveitando seus quase quarenta anos de atuação na área. A proposta é fugir da técnica jurídica pura, que, em tempos de degradação democrática, pouco serve à defesa do meio ambiente e dos direitos humanos, e aprofundar a filosofia e a história do direito ambiental. Em resposta a uma participante, informou que a disciplina deve ser híbrida, pois o programa reúne estudantes de toda a América Latina, embora encontros presenciais sejam desejáveis.

Capítulos 1 a 3 — relato de Luana

Capítulo 1 — "De como o rio Chaupihuaranga continuou se chamando Chaupihuaranga, mas deixou de ser rio"

O narrador, Magdaleno, é o primeiro a perceber a "preguiça da água" de um rio cuja correnteza costumava arrastar animais e casas. Febril e indisposto, ele não sabe ao certo em que dia está ("na manhã de sexta-feira, ou talvez fosse terça"). Sem contar a ninguém o que viu, compra anilina e a lança no rio para testar a correnteza; adormece e sonha com o pai, que o adverte: "Enche bem os alforjes, porque breve não haverá mais. Aproxima-se a grande fome final." Ao despertar, a tinta continua parada. Julgando-a falsa, compra três anilinas de cores diferentes em três lojas, dizendo aos vendedores que são para tingir o manto da Virgem do Socorro, e as lança em três pontos do rio: no dia seguinte, as cores estão no mesmo lugar. Na bodega, quando diz que o rio está endurecendo, recebe apenas zombarias. Três semanas depois, o rio para de vez. As autoridades se calam, e as comunidades, numa festa pela soltura de Isaac, culpam-se mutuamente pelo silêncio. Logo se descobre que o rio parado está cheio de trutas, pescadas com cestos, baldes e até com as mãos, vendidas a dez centavos a dúzia. Depois, outros rios também param.

Capítulo 2 — "Da surpresa que Dom Raimundo Herrera teve no dia em que recuperou o título da comunidade de Yanacocha"

Tomado por um pressentimento, Dom Raimundo Herrera deixa intacto o desjejum, para espanto da mulher, e parte a cavalo em busca do título concedido pelo rei da Espanha em 1705, sem saber quanto tempo ficará fora. Após três dias, chega à fazenda Lauricocha, de cerca extensa, e o capataz informa que o patrão está morrendo. Herrera passa mal, bate a cabeça contra um muro e desfalece, até que uma mulher enlutada o desperta. Junto ao leito, o fazendeiro moribundo Germán Minaya manda entregar-lhe o título guardado num

baú no sótão. Herrera se deslumbra com o brilho do documento e parte, ainda sem comer. O capítulo revela que o procurador Ambrósio Rodríguez, pressentindo o fim e perseguido, confiara o título aos Minaya.

Capítulo 3 — "Benefícios da transformação de um rio em lago"

Outros rios também estão "paralíticos", e a população atribui a desgraça à viúva Félix, irmã dos Minaya deserdada pelo irmão; Herrera retruca que a culpa é da cidade, que a maltratava. Com as chuvas, o rio engorda e vira lago, engolindo terras e animais. Em vez de se assustarem, os moradores descobrem vantagens: a lancha transforma viagens de dois dias em duas horas, a cinco soles a passagem, e Dom Prematuro compara a cidade a uma cidade europeia de canais. Aparecem patos, e o lago acaba com o resto da antiga quebrada.

Debate

- **Marina** destacou os títulos, a imprecisão temporal do narrador-cronista, a natureza como personagem, o retorno do título de propriedade e a fragmentação, que ocorre não só entre os capítulos, mas dentro de cada um. Achou divertida a viúva Félix, "viúva" que nunca se casou.
- **Audrey** leu a imprecisão temporal como mensagem: as coisas acontecem sem que as pessoas percebam. Propôs discutir ecologicamente as "vantagens" do lago, transponíveis a outras intervenções em cursos d'água pelo mundo.
- **Karla** relacionou o jogo com o tempo à cosmovisão andina, para a qual o tempo é mítico, cíclico e ligado à natureza, e associou a pergunta "qual a diferença entre rio e lagoa?" à dualidade entre progresso e impacto social de *Maria Altamira*, de Maria José Silveira. Pesquisou também a "onça" de anilina, antiga medida de peso.
- **Ana Cristina Deverlan** acrescentou que, na indústria têxtil, os tecidos planos ainda são classificados em onças. O coordenador lembrou o papel da tecelagem como linguagem entre os povos andinos, e Ana mencionou a vicunha, que aparece no capítulo 6, e a empresa têxtil brasileira que leva seu nome.
- **Ivana** viu no tempo a lentidão da comunidade em perceber as ameaças, como a cerca do primeiro volume e a invisibilidade do segundo.

Comentários do coordenador

- **O tempo.** O livro trabalha intensamente com o enlouquecimento do tempo, como se verá na doença dos relógios. As atrocidades coloniais se repetem com tal frequência, desde o resgate e o assassinato de Atahualpa, que a sequência temporal deixa de importar: é como se a história tivesse parado e o tempo se embaralhasse.
- **A viúva Félix.** Os epítetos que evitam nomeá-la lembram os nomes do diabo em *Grande sertão: veredas*. Sua história parece ecoar "A feiticeira", dos *Contos amazônicos* de Inglês de Sousa, disponível gratuitamente: uma mulher indígena a

quem negam alimento passa a ser acusada de bruxaria pelas desgraças que se seguem. O coordenador sugeriu o tema, numa perspectiva ecofeminista sobre a estigmatização das mulheres mais vulneráveis, como comunicação para o simpósio. Uma participante lembrou o linchamento de uma mulher no Guarujá, confundida com uma suposta "bruxa" sequestradora de crianças a partir de um boato divulgado com foto errada.

- **Barragens.** A transformação do rio em lago, provavelmente para gerar energia para a mineradora de Cerro de Pasco, remete ao Movimento dos Atingidos por Barragens, às cidades paulistas atingidas por represas e à história de *Maria Altamira*, romance inspirado em reportagens de Eliane Brum. O coordenador lembrou também os vestígios de Canudos submersos por uma represa no sertão baiano.

Capítulos 4 a 6 — relato de Ana Cristina Deverlan

Ana Cristina Deverlan, que estreou como relatora, disse estar encantada com o grupo e com a escrita de Scorza, embora ache a leitura difícil por não vir da área de Letras.

Capítulo 4 — "Da conversação que Dom Germán Minaya manteve com o procurador Ambrósio Rodríguez, homem de bem…"

O capítulo abre com o grito de Herrera, o cavaleiro insone, presidente da comunidade de Yanacocha, no passo nevado: "Estou com o título, Dom Ambrósio!". A frase resume o peso dos títulos, que representam não só o patrimônio, mas a dignidade e a identidade da comunidade. Em 1933, os fazendeiros assaltaram Yanacocha cinco vezes atrás do documento, e o procurador Ambrósio Rodríguez, perseguido pelo capataz Semprônio, da fazenda El Estribo, conseguiu escondê-lo antes de morrer, tornando-o relíquia sagrada.

No delírio de Minaya, revive-se o acordo: Rodríguez pede que guarde o título, pois ninguém o procuraria em sua fazenda, e recita o documento de 1705 ("ordeno que os índios não sejam despossuídos sem primeiro serem ouvidos e por foro e direito vencidos"). Minaya objeta que o rei já não manda no Peru e que os títulos se perderam na guerra contra o Chile, e brinca: "quem lhe disse que eu não fico com o porco e com os torresmos?". Pede quinhentos soles; Rodríguez oferece pagar com homens — dez por mês, trabalhando de graça e levando a própria comida, enquanto o título estivesse guardado. Moribundo, Minaya reconhece que a guarda do título foi o melhor negócio da família, mais rentável que a mina de prata; conclui que as contas estão erradas e que é ele quem deve aos yanacochanos, manda chamar Herrera e, alucinado, quer devolver-lhes o dinheiro.

Capítulo 5 — "Sintomas da praga que acometeu os relógios de Yanahuanca"

Os relógios adoecem como pessoas: atrasam, exalam um cheiro adocicado que só os outros percebem, babam uma gosma e morrem. O primeiro é o Longines do subprefeito Valério, que agoniza durante uma visita à casa do juiz Montenegro; Dona Pepita dispensa os empregados, manda enterrar o relógio em juta atrás dos terebintos e impõe silêncio. O

segundo é o Ferrocarril de Dom Prematuro Cisneros: a companhia mineradora, irritada com os atrasos dos empregados, mandara fabricar esses relógios com uma locomotiva no mostrador e os vendera a preço de custo, e eram tão resistentes que serviam para jogar malha. Cisneros atribui a doença à falta de sol, cuida dele, mas o relógio morre e ele o atira num barranco, calando-se por vergonha de uma doença da pobreza. O terceiro silêncio vem quando o sargento Astocuri, o cabo Bejarano e outros notam, depois de uma noite com uma artista de circo uruguaia de passagem pela cidade, que seus relógios padecem de uma doença venérea; nem pomadas, nem nitrato de prata, nem água fervente os salvam. Protegido pela impunidade dos silêncios, o mal se alastra, até o relógio da torre. Para Ana, os relógios atrasavam de propósito, como greve contra os desmandos das autoridades.

Capítulo 6 — "Sucessos que ocorreram ao procurador Rodríguez por ocasião de sua volta"

Em fuga com o cavalo Badulaque, comendo ervas e bebendo água, Rodríguez para na choupana dos Sánchez e conta a Crisóstomo que entregou o título a Germán Minaya e como seria pago o acordo; quer dizer mais alguma coisa, que "lhe murchou na solidão dos lábios". Sobe a Escalera del Diablo, contempla as vicunhas, e Badulaque morre do mal das alturas. Semprônio e Dom Medardo seguem seu rastro. Insone, Crisóstomo pensa que gerações se sacrificaram pelo título e teme perdê-lo por fraqueza. Segue-se, entremeada de itálicos ("estou sonhando", "não estou sonhando"), a cena em que Semprônio tortura Rodríguez com chicote, revólver e um monte de espinhos sobre o qual o obriga a dançar. Já sem forças, Rodríguez tenta sensibilizá-lo: um yanacochano salvou seu pai numa tempestade, "você tem nosso sangue, teu patrão te humilha". Semprônio soluça ("o tecido do meu coração é delicado"), mas volta a chicoteá-lo. Ana entendeu que Rodríguez morre nesse embate.

Comentários de Moroni e debate

- **Moroni** relacionou o "homem de bem" do título aos "homens bons" da colonização brasileira — brancos, católicos e proprietários — e ao atual "cidadão de bem". Leu o arrependimento de Minaya mais como culpa cristã diante da morte do que como gesto genuíno. Viu nos relógios a ruptura com o controle ocidental do tempo e, na vergonha que individualiza a doença e a faz se alastrar, uma reflexão sobre saúde coletiva que remete à pandemia. Destacou ainda o apelo de Rodríguez a Semprônio.
- **O coordenador** lembrou que a expressão vem da primeira parte de *Dom Quixote,* capítulo 7 ("homem de bem, se tal título se pode dar a quem é pobre"), mais uma das razões que confirmam ter sido uma boa decisão ler Cervantes antes de Scorza.
- **Luana** perguntou se seria possível relacionar os relógios à situação do trabalhador atual e à escala 6x1. O coordenador concordou: o Longines dos ricos e o Ferrocarril dos mineiros encenam uma luta de classes, e E. P. Thompson, em "Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial", mostra como o controle

do tempo surge com a indústria — hoje radicalizado na uberização e no rastreamento por aplicativo.

- **Jorge** destacou a narrativa fragmentada, a antropomorfização da natureza e dos objetos e a doença dos relógios como intervenção na natureza que atinge ricos e pobres. Arquiteto do Vale do Itajaí (SC), comparou o lago às pequenas centrais hidrelétricas de sua região, em que reclamam sobretudo os moradores a jusante, e distinguiu o uso econômico da água pela mineradora do uso consuntivo das comunidades. Relacionou a questão fundiária a *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, de Engels, e observou que Scorza parte das comunidades da bacia hidrográfica para chegar ao mito universal, como na *Odisseia*. O coordenador acrescentou que, ao contrário de García Márquez, Scorza, marxista, mostra o mito para depois desconstruí-lo numa perspectiva materialista, e que os títulos são cruciais em toda a pentalogia.
- **Ivana** leu o delírio de Minaya como cobrança psicológica pela exploração do trabalho gratuito, e os relógios como uma medida de tempo imposta a povos que se orientavam pelo sol e pelas estações — daí a revolta da natureza. Comparou a abertura interpretativa de Scorza à de Machado de Assis.
- **Audrey** celebrou a ampliação do grupo, observou que a doença venérea não foi escolhida por acaso e destacou o realismo fantástico, que suaviza as atrocidades, a beleza de frases como "a solidão dos lábios" e o brilho crescente dos documentos ao longo da pentalogia.

Capítulos 7 a 9 — relato de Zenaide

Zenaide, também estreante, trabalhou com a edição em EPUB, cuja paginação difere da do livro impresso. A conexão instável interrompeu alguns trechos do relato.

Capítulo 7 — "Barbaridades que se propalam sobre o envenenamento do subprefeito Retamoso"

O capítulo começa in medias res: o engenheiro contratado para levantar o plano cadastral das terras de uma comunidade insulta seu ajudante Tupayachi diante da junta diretora e ameaça abandonar a medição, temendo que o subprefeito Retamoso descubra uma "imprudência" do rapaz. Pomposo, o engenheiro se apresenta como descendente do rei Salomão, admirado por reis e presidentes, e se diz "do lado dos humildes".

A explicação vem depois, no relato de Tupayachi. Retamoso cuspira o ensopado que os comuneros, com seus parcos recursos, haviam preparado, insultara os presentes e atirara o prato no ajudante. À noite, acorda gritando que foi picado por uma cobra: há dois furinhos no pé, e Tupayachi exibe uma víbora decapitada. Aterrorizado, o subprefeito suplica e xinga. Tupayachi oferece o remédio: um ensopado de três excrementos — de lhama, de carneiro e humano. Retamoso o bebe e vomita, e o engenheiro, que "o que dá, dá em público", recompensa o ajudante com uma moeda. Ao amanhecer, descobre a farsa: a cobra fora tirada de uma garrafa, e a picada, simulada com dois alfinetes. Era a vingança

de Tupayachi: o subprefeito que dissera não comer aquela comida acabou comendo coisa pior. O engenheiro ri, mas volta a agredir o ajudante, temendo a reação de Retamoso.

Em recuo de dois anos, Tupayachi lembra como conheceu o patrão na fazenda de Dom Tomás Chamorro. O engenheiro, apresentando-se como membro da Sociedade Geográfica, encantou o fazendeiro por trinta dias e, na despedida, deu a Tupayachi um sol de prata — a primeira moeda que o peão via. Chamorro, que proibia a circulação de dinheiro entre os empregados para preservar sua "pureza", chama o visitante de comunista, expulsa-o e castiga Tupayachi, obrigando-o a devolver o presente e a beijar-lhe a mão. Tupayachi foge para alcançar o engenheiro, ajuda-o a escapar dos capangas e pede emprego: dez soles e comida, "quando houver". A primeira tarefa é roubar a galinha que reaparecerá no ensopado da discussão.

Capítulo 8 – "De como as pessoas não agradecem, antes pelo contrário"

Capítulo curtíssimo, um testemunho em primeira pessoa: o narrador anuncia que não quer mais se comunicar com ninguém, porque as pessoas não agradecem seus avisos. Indo buscar trutas para a mulher grávida, vê no lago, em fila silenciosa, uma sequência de chapéus deslizando sobre a água — chapéus que andam sozinhos ou gente que caminha debaixo d'água? A cena se encerra sem resposta.

Capítulo 9 — "Que contém os insultos com que Dom Raimundo Herrera afrontava os moradores"

Herrera volta a Yanacocha em seu cavalo Cortavientos. Desde que foi eleito, passa as noites sem dormir, insultando os yanacochanos. A mulher pede que não viaje, pois ele tosse sem parar, mas ele insiste. Perto da meia-noite, vai à Praça de Armas: acusa o ex-presidente da comunidade de se esconder, lembra a coragem de Héctor Chacón e da velha Sulpícia e acusa os homens de submissão, com insultos de cunho machista. Cipriano Guadalupe, Agapito Robles e Isaac Carbajal o cercam, e Carbajal ergue a mão para esbofeteá-lo; Herrera o abraça e pede que bata, se as palavras o ofenderam. Explica então que queria provocar justamente aquela indignação, para que se voltasse contra os abusos e a perda das terras, às quais a comunidade se acostumara.

O plano é levantar o cadastro das terras para sustentar a reivindicação judicial. Agapito Robles lembra que as terras são reclamadas desde 1705 e duvida da Justiça; Herrera não nega a parcialidade das instituições, mas quer que a comunidade compreenda a dimensão do abuso. Quando lhe pedem o título, ele o desembrulha diante de todos, e o documento emite um brilho extraordinário, sinal de que a justiça se aproxima. Partirá em 1º de julho, embora seja preciso atravessar cinco fazendas, ligadas às autoridades e às forças repressivas, sob ameaça de perseguição e morte, e a medição possa durar anos. "Trato, irmãos, de acender o sangue em vocês", diz Herrera, e conclui: "Essa viagem durará mais que a minha vida; por isso vou fazê-la."

Comentários de Audrey

Audrey propôs ler os três capítulos à luz do presente:

- **Fake news e cortina de fumaça.** As “barbaridades que se propalam” sobre um envenenamento inexistente funcionam como notícia falsa e cortina de fumaça que encobre a usurpação das terras; a opressão física é sempre precedida e amparada pela opressão discursiva.
- **Desumanização e humanização.** No capítulo 7, a elite desumaniza os indígenas, supondo-os capazes de envenenar; no 9, os insultos de Herrera os humanizam, ao afirmar que são capazes de lutar. O “você deve ser comunista” lançado contra quem defende direitos continua atual.
- **O opressor como vítima.** O poderoso que se diz injustiçado pela “ingratidão” dos indígenas inverte os papéis para justificar a violência contra as verdadeiras vítimas — uma cegueira moral que o capítulo 8 sintetiza.
- **A pedagogia da revolta.** Os insultos de Herrera, que se torna personificação da vontade coletiva, buscam tirar a comunidade da indignação passiva para a resistência ativa, contra a perda da memória histórica — é preciso “tirar a teia de aranha dos olhos”.
- **Os títulos dos capítulos**, que sintetizam e anunciam o impacto do que vem.

Encaminhamentos

Avaliação da dinâmica. O encontro ultrapassou o horário em cerca de meia hora, em parte por causa dos informes iniciais, que o coordenador sugeriu concentrar antes do início do debate. A leitura em blocos maiores, com novos membros como relatores e antigos como comentaristas, foi considerada produtiva: como observou Audrey, permite compreender melhor a estrutura do romance. Foi tirada uma foto do grupo.

Reunião sobre o simpósio. O projeto do evento de dezembro foi aprovado, e o coordenador marcará uma reunião à parte para organizá-lo. A presença de Audrey e Diná é indispensável; participarão também Flávia D’Urso, do IBAP, e Marcos Alcyr, e todos os membros estão convidados.

Pauta proposta para a 21ª reunião — 24 de outubro de 2026

Pendências (9h45 às 10h)

- **Integrantes e frequência:** confirmar permanências, inclusões e desligamentos a encaminhar ao Prof. Júlio César Suzuki; completar os registros de presença e justificativas e definir critério uniforme de frequência, distinguindo comparecimento de participação oral.
- **Textos para o dossiê “Muros e cercas”:** confirmar as entregas de Diná Santana Santos (muro e encurralamento/Paraisópolis), Ivana Borges da Silva (Kafka e muro EUA–México), Giselle Scavasin (*The Wall*) e Moroni de Almeida Vidal (*Não verás país nenhum*). Registrar eventuais entregas omitidas das atas ou combinar novos prazos.
- **Apresentações de Cornejo Polar:** esclarecer se Marina Yukawa e Giselle Scavasin realizaram a tarefa prevista para 8 de junho. Se realizada, completar o

registro; caso contrário, decidir sobre retomada, remanejamento ou encerramento da proposta.

- **Poema de Scorza sobre Túpac Amaru:** verificar a realização da apresentação inicialmente atribuída a **Silvana Paulos**. Se permanecer pendente, consultar interessados em assumir ou reformular a proposta, inclusive quanto ao diálogo com Neruda ou outro poeta.
- Verificar se há interesados na proposta de comunicação sobre "A feiticeira", de Inglês de Sousa / Viúva Felix (cap.3 C.I.), em perspectiva ecofeminista.

- **Debates do dia 24-10-2026 (10h às 12h)**

Capítulos	**Relator(a)**	**Comentarista**
10 a 12	Sarah	Diná
13 a 15	Paulina	Ivana
16 a 18	Karla	Luana